

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)22 mar 2017 | O Globo | RENATO GRANDELLE renato.grandelle@oglobo.com.br

Sem tempo para tomar fôlego

Após calor de 2016, desertificação no Brasil e degelo no Ártico aumentarão este ano

2017 terá degelo inédito no Ártico e desertificação no Brasil. Quando 2016 terminou, levando consigo o título de ano mais quente desde o início dos registros históricos, a comunidade científica dava como certo que 2017 não lhe faria concorrência. Agora, no entanto, um novo boletim da Organização Meteorológica Mundial (OMM) admite que os próximos meses prometem um vasto leque de eventos extremos, como o aumento inédito do degelo no Ártico, a desertificação do Nordeste brasileiro e seguidas tempestades na costa Oeste da América do Sul.

— Mesmo se não houver um El Niño forte em 2017, vemos mudanças marcantes ao redor do planeta que desafiam os limites de nossa compreensão sobre o sistema climático — avalia David Carlson, diretor do Programa Mundial de Pesquisas da OMM. — Entramos em um território inexplorado.

Segundo o relatório, a temperatura do planeta em 2016 foi 1,1 grau Celsius superior à observada na era pré-industrial, e 0,06 grau Celsius maior do que a registrada em 2015, que detinha o recorde histórico de ano mais quente. Os fenômenos extremos não apenas seguirão em 2017, como “dão a entender que o aquecimento dos oceanos pode ser mais pronunciado do que se acreditava”.

Entre o fim de dezembro e março, o Ártico viveu ao menos três vezes o equivalente polar a uma onda de calor. O degelo na região provocou nas semanas seguintes uma modificação da circulação oceânica e atmosférica, que influenciou as condições meteorológicas em outras localidades do mundo. Em fevereiro, os Estados Unidos contabilizaram 11.743 recordes de temperatura.

— Eu não me assustaria se 2017 for mais quente do que 2016 — admite Thelma Krug, vice-presidente do Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas (IPCC). — Ainda não sabemos que caminho vamos trilhar. Podemos estabilizar os fenômenos adversos ou deixá-los fugir totalmente de nosso controle. Depende dos esforços de cada país. Todos já sabiam que estamos diante de eventos cada vez mais intensos.

Coordenador do Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa do Observatório do Clima (Seeg), Tasso Azevedo acredita que as tormentas de 2017 estão ligadas a um efeito cumulativo. É como se o passado recente tivesse deixado o planeta mais “acostumado” com as graves consequências do aquecimento global.

— Trata-se da soma dos efeitos vistos durante anos de muito calor — explica. — São constantes quebras de recorde de temperatura, que desencadeiam o acúmulo de eventos extremos. O Ártico, por exemplo, tem formado menos gelo.

Segundo Azevedo, a força dos eventos extremos está deixando os relatórios climáticos mais defasados.

— Em 2015, quando foi lançado o último relatório do IPCC, muitos afirmaram que o texto era alarmante, mas agora sabemos que os efeitos sofridos pelo planeta são mais dramáticos do que o previsto. Não estamos sendo capazes de projetar as transformações do clima — ressalta.

Gilvan Sampaio, climatologista do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTec-Inpe), explica que não houve o resfriamento esperado do Oceano Pacífico nas zonas subtropicais. Existe a possibilidade de que, até o fim do ano, as águas sejam aquecidas mais uma vez em sua área tropical, provocando o surgimento de um novo El Niño.

— As pessoas só colocam o cadeado depois que o ladrão entrou em casa — lamenta. — Todos os anos falamos como os eventos extremos estão ficando acentuados. No Brasil, precisamos tomar muitas medidas nas cidades. Por que as encostas da Região Serrana do Rio são tão povoadas, se já foi comprovado que esta zona é suscetível a tempestades cada vez mais comuns? — indaga. NO RIO, PICOS DE TEMPERATURA E DOENÇAS Coordenador do Programa de Mudanças Climáticas e Energia do WWF-Brasil, André Nahur revela que o aumento da temperatura média em diversas regiões do país pode chegar a 9 graus Celsius até o fim do século. No Rio, a marca não será tão dramática, mas os termômetros também afligirão os cariocas:

— A percepção é que, nos últimos três anos, a cidade enfrenta constantes picos de temperatura, que chegam a até 43 graus Celsius. Esta onda de calor acarreta problemas de saúde e facilita a disseminação de vetores de doenças como dengue e chicungunha. E as chuvas, agora mais irregulares, agravarão a crise hídrica.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)